

Mateus 28.16-20 – Jesus diz: **Ide e fazei discípulos: onde? Como?**

Com quem? Por quê?

Pa. Iraci Wutke

Assessora de Formação do Sínodo Espírito Santo a Belém

Jesus diz: **Ide e fazei discípulos!** Temos aqui a provocação do Evangelho que desafia a pensar a missão dada à Igreja como tarefa essencial, necessária e urgente. Refletir o texto da Grande Comissão requer disposição para dar um passo além do óbvio e corriqueiro, a exemplo do que nos desafia Otto Lara Rezende, em sua crônica “Ver vendo”. Temos em pauta um texto bíblico óbvio e simples. Mas, a pergunta que fica é: o que, nesse texto, ainda não vimos, não exploramos, não compreendemos?

Chamo a atenção para os verbos usados por Jesus nesses dois versículos: vai, faz discípulos, batiza, ensina e, de forma subentendida, confia. Vale ressaltar que no texto original, apenas o verbo “discipulai” está no imperativo. Assim, se temos aqui um verbo no tempo imperativo, temos aqui pelo menos uma ordem. Além dessa ordem “discipulai”, temos verbos motivadores e norteadores. Pensando nos verbos “IR” e “FAZER DISCÍPULOS” (assim como os temos traduzidos na Bíblia Almeida), no tempo imperativo, quero apontar para uma das questões que me trouxe um novo olhar sobre o texto. Um imperativo, uma ordem, um convite, pode ser feito de forma positiva ou negativa; pode soar de forma intimidadora ou encorajadora; pode assustar ou empoderar. A forma como dizemos um verbo influencia diretamente na reação e nos sentimentos de quem o recebe, ouve e vivencia.

Penso que Jesus usou os verbos de ação de forma sábia e acertada. Não se trata apenas de “FALAR” o verbo e esperar um resultado mágico. Trata-se de “ENTONAR” o verbo e lhe conceder vivacidade. Num rápido passeio pelos evangelhos, vamos perceber que, ao chamar os seus primeiros discípulos (Mateus 4.19), ao socorrer a mulher pega em adultério (João 8.11) e ao encontrar-se com Zaqueu (Lucas 19.1-10), Jesus convida, conquista, acolhe, demonstra afeto, inspira confiança, afasta o medo, cria laços. O tom da sua voz é amoroso, é maternal, é motivador.

Poderíamos listar muitas passagens bíblicas nas quais Jesus usa uma ordem/convite de tal forma que resistências são quebradas, reflexões são geradas, transformações são possíveis e é despertado o engajamento na proposta do Reino de Deus. Se a tônica usada por Jesus não fosse a do amor e do acolhimento, a sua mensagem não teria ganhado chão e força. Simples assim. E de tão simples que é a metodologia/pedagogia de Jesus, às vezes não nos damos conta da sua importância. É esse tom acolhedor, motivador e afetivo que traz um diferencial num mundo de ordens autoritárias e legalistas daquele

tempo e também dos nossos dias. Acredito que temos aí algo a ser olhado com um novo olhar.

O texto da Grande Comissão também oportuniza algumas reflexões:

1ª: Como temos usado a metodologia de Jesus para inspirar, engajar, encantar, delegar, confiar e renovar? Qual tônica está sendo empregada na motivação missionária pessoal e comunitária?

Não raras vezes encontramos lideranças cansadas em suas funções, mas ficam nelas e se arrastam adiante sem encanto e sem alegria porque ninguém mais quer assumir essa tarefa. Moram aí dois grandes perigos. Em primeiro lugar, lideranças desmotivadas, cansadas, sobrecarregadas e desencantadas não motivam nem encantam ninguém; não conseguem colaborar de forma efetiva na missão de Deus e na tarefa da Igreja; não conseguem internalizar uma atuação missionária que foca na educação cristã do começo ao fim da vida. Em segundo lugar, se não temos quem nos suceda na liderança, temos aí uma falha na motivação, no encantamento, no despertamento e na formação de novas pessoas de todas as idades, posições e saberes.

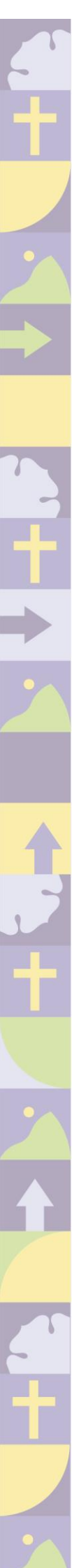
2ª: Onde temos buscado pessoas para se engajar na missão de Deus?

Ficamos restritos à nossa zona de conforto e segurança? Ou estamos dispostos e dispostas também a “ir até os confins da terra” e acolher integralmente, com gratidão, amor e alegria, todos os povos e lugares, independentemente da sua orientação sexual, condição social ou dos seus traços culturais?

Se há disposição para mudar o lugar da busca, então podemos pensar para além do mero atendimento e manutenção, e ter no horizonte um crescimento não só em qualidade bíblicoteológica, mas também de crescimento em número de pessoas, de todas as idades, com diversidade comunitária. Arrisco a dizer que, na maioria das vezes, o lugar da busca não precisa ser muito longe de nós. Ela começa no nosso lar, local de trabalho ou círculo de amizades. A maior reflexão começa quando nos autoavaliemos sobre o tipo de pessoa-membro que temos sido, independentemente da função que desempenhamos. A grande pergunta é: como **nos re-encantar** com nosso ser luterano e luterana, de maneira que consigamos encantar a nós mesmos, as pessoas próximas e, a partir daí, encantar outras pessoas?

3ª: Quem são as pessoas que hoje ainda têm ouvidos atentos para o chamado de Cristo e estão dispostas a se engajar no serviço missionário sem perder sua essência, sem comprometer a teologia luterana, sendo um diferencial entre Igrejas com espírito bem mais “missionário” do que nós? Se queremos preservar nossa essência teológica luterana, não podemos partir para o “vale tudo” e entrar na onda de uma eclesiologia superficial, assistencialista, descomprometida e apenas focada no espírito, sem leitura crítica e contextualização. Há diretrizes, elaborações teológicas, projetos comuns, hermenêuticas próprias das quais não é possível abrir mão para não acabarmos apenas como mais uma igreja no “mercado religioso” atual.

4ª: Com quem estamos dispostos a caminhar na prática da missão? Apenas com os nossos, que têm tradição luterana correndo nas veias, os que têm traços germânicos e



se encaixam em nossos modelos construídos historicamente? Se olharmos no retrovisor, vemos que esse movimento teve sua importância e precisa valorização, mas já não é mais suficiente no contexto atual.

Não dá para falar “Ide e fazei discípulos” sem avaliar com amor o quanto estamos dispostos e dispostas a acolher e caminhar junto “aos menores dos irmãos e irmãs” lembrados por Jesus, em Mateus 25. A fé que confessamos permite e motiva ao acolhimento integral das pessoas que têm fome e sede, pessoas estrangeiras, presas e pobres, das crianças, homens e mulheres e tantas outras fragilizadas desse mundo, que buscam por espaço de acolhimento e aceitação? O empreendimento missionário precisa de teologia e espiritualidade forte, segura e clara; mas acontece no chão da vida, precisa estar enraizado na realidade, acolhendo as necessidades concretas e falando para dentro delas.

5ª: Por que queremos nos engajar na missão de Deus? O que nos atrai? O que nos encanta?

A mim encanta saber que a missão de Deus não depende de mim. Ela é de Deus. Assim, convém que a palavra de Deus, contextualizada e livre de interpretações legalistas, sexistas e preconceituosas, seja o alicerce. Se a missão é de Deus, convém que o Evangelho de Jesus Cristo, e toda a estratégia/metodologia usada por Cristo para fazer o Evangelho chegar nas pessoas, seja a base sobre a qual edificamos. Só depois de entender isso, eu vou aceitar diminuir (em preconceitos, em legalismos, em ideias pré-construídas, em interesses pessoais) para que Cristo cresça. E para que Cristo cresça, às vezes, é preciso desconstruir algumas coisas em nós.

A mim encanta saber que ali onde o foco está no crescimento de Cristo não pode haver espaço para rivalidades, preferências, classes, grupos ou lados. Cristo, com o seu Evangelho, tem uma posição muito clara. Ali onde esse Evangelho é retamente pregado e vivido, o foco estará sempre na promoção da vida digna, da liberdade, do respeito, da edificação conjunta e da confiança. Interesses pessoais e rivalidades na fé instrumentalizam o Evangelho e o usam para justificar egos narcísicos inflados.

A mim encanta perceber que a missão de Deus é sinônimo de educação cristã, ação diaconal, pregação reta do Evangelho e fé incondicional. Ou seja, todo ministério, ordenado ou não, é missionário. A missão está na essência e perpassa toda a vida comunitária. Para que isso aconteça de forma efetiva e edificante, é preciso planejamento e fé ativa, uma fé que entende quando Jesus diz “eu estarei com vocês todos os dias, até o fim”, mas que também se engaja para fazer o que cabe a nós, de forma consciente, planejada e articulada.

A mim encanta o desafio de retornar de forma constante e permanente ao começo de tudo: ao batismo. É preciso revisitar sempre de novo o acontecimento fundante da nossa caminhada cristã, o nosso ponto de partida, para ali reviver e nos inspirar no acolhimento amoroso e incondicional de Deus. Só é possível “ir, fazer novos discípulos, pregar o Evangelho, ensinar e confiar” se temos raízes profundas naquilo que nos funda e sustenta como pessoas cristãs chamadas a nos engajar na vivência e anúncio do Evangelho.

Na vida comunitária, o batismo abre a porta da frente da Igreja. Mas, como temos aprofundado as raízes das pessoas batizadas, para mantê-las firmes na fé, encantadas com o “ser Igreja de Jesus Cristo a partir da confissão luterana”, convictas dessa confessionalidade e comprometidas com a vivência diária da missão de Deus?

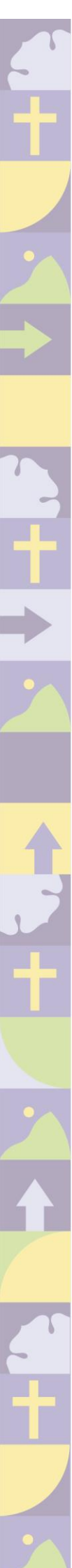
Zelar pelo batismo e pela educação cristã que vem em consequência dele, dá trabalho para além do momento de culto. Enxergar o batismo e seus desdobramentos como espaço e impulso missionário exige dedicação. Encarar o Batismo como ponto de partida para a Educação Cristã Contínua exige coragem para a vivência da fé pessoal e comunitária. Não vamos colher sem plantar, sem cultivar, sem adubar, sem podar onde é necessário. E, se queremos falar da missão de maneira efetiva, não podemos pensar em plantar apenas o que nós queremos, quando queremos e se queremos.

Por fim, urge o despertar para a necessidade de desenvolver um novo olhar para o ser Igreja em contexto, sem querer moldar o Evangelho e o Ser Igreja de Jesus Cristo a desejos e interesses pessoais. O que rege o “ser Igreja” é o que Cristo quer e ensina. No testemunho do querer de Cristo, podemos contar com sua companhia, ajuda e orientação até o fim dos tempos.

Essa companhia de Jesus é para que todas as pessoas possam ser acolhidas na caminhada como pecadores e pecadoras que acertam e erram, ganham e perdem, sentem coragem e medo. Essa companhia de Jesus é para que se “façam novas todas as coisas”, também o nosso jeito de ser Igreja com tarefa missionária, capaz de encantar as pessoas no mundo de hoje, sem ser seletiva ou excludente, independentemente de nossas convicções e conceitos. Essa companhia constante de Jesus é para que tenhamos mais pregadores e pregadoras do Evangelho (ordenados ou não) dispostos e dispostas a promover Cristo. Para isso, muitas vezes, é preciso abrir mão de si, ter disposição para ampliar o olhar para além do que é familiar e corriqueiro, vencer ideias pré-estabelecidas e estar disposto e disposta a crescer pelo diálogo fraterno, no qual olhamos nos olhos uns dos outros, umas das outras.

A companhia constante de Cristo é para que tenhamos comunidades com pessoas-membro dispostas a servir com alegria, e não sócios e sócias esperando apenas ser servidos porque “pagam” por esse serviço. Não há nada mais triste do que ouvir pessoas dizendo que “pagam” direitinho as suas contribuições. Jesus não chama bons pagadores e pagadoras. Jesus chama seguidores e seguidoras que, em gratidão e alegria, contribuem para que um bom trabalho de testemunho, pregação, educação cristã, diaconia e missão possa ser feito na e a partir da Igreja. A Igreja que nasce da proclamação do Evangelho não é uma associação, mas uma comum-idade chamada a servir com dons e limitações. A companhia constante de Cristo não é para ele fazer milagres enquanto ficamos de braços cruzados, reclamando daquilo que nós mesmos não damos conta de fazer melhor. A companhia de Cristo é o suporte necessário para seguir com segurança, alinhados e alinhadas ao que o Evangelho ensina, ao que Cristo quer.

O convite está feito para cada um e cada uma de nós: Ide e fazei discípulos. A este convite, acrescenta-se o desafio de “ver com outros olhos o que de tão visto já não se enxerga mais”. Que Deus nos faça poetas e poetisas capazes de ver e se encantar, para que não se instale em nosso coração o monstro da indiferença. Que a tônica do nosso

A vertical decorative bar on the left side of the page, composed of a series of colored squares. The colors are purple, yellow, and green. The icons include a white cross, a yellow sun, a green landscape with a yellow sun, a green arrow, a purple square, a white cross, a black arrow, a green landscape with a yellow sun, a yellow square with a black arrow, a white cross, a green landscape with a yellow sun, a yellow square with a black arrow, a white cross, a green landscape with a yellow sun, a yellow square with a black arrow, a white cross, a green landscape with a yellow sun, and a yellow square with a black arrow.

método missionário seja carregada de acolhimento, envolvimento, motivação e linguagem afetiva, a exemplo do que Jesus fez.

<inserir link/QR para o vídeo da palestra disponível no portal>